



UM MOSTEIRO ENTRE OS RIOS

o território alcobacense

COORDENAÇÃO

António Valério Maduro e Rui Rasquilho

**UM MOSTEIRO
ENTRE OS RIOS**
O território alcobacense

Título: Um Mosteiro entre os rios. O território alcobacense

Coordenadores: António Valério Maduro e Rui Rasquilho

Fotos da capa e da contracapa: Jorge Prata

Concepção e arranjo da capa: Jorge Prata e Gonçalo Fernandes

Edição: AMA - Associação dos Amigos do Mosteiro de Alcobaça

Apoio: Município de Alcobaça

© AMA - Associação dos Amigos do Mosteiro de Alcobaça

 **Hora de ler**

© para a produção

Hora de Ler, Unipessoal Lda.

Urbanização Vale da Cabrita

Rua Dr. Arnaldo Cardoso e Cunha, 37 - r/c Esq.

2410-270 LEIRIA - PORTUGAL

E-mail: horadelercf@gmail.com

Telef.: 244212003 * Tlm: 966739440

Facebook: https://www.facebook.com/Hora-de-Ler-2263586547021316/?modal=admin_todo_tour

Revisão e coordenação editorial: Coordenadores, Nídia Marques e Hora de ler

Montagem e concepção gráfica: Hora de ler

Impressão: Artipol - www.artipol.net

Colecção: *História & Memória* – 26

1.^a edição: Agosto 2021

Edição 1091/21

Depósito Legal: 487067/21

ISBN: 978-989-8991-64-5

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.

AGRADECIMENTOS

Os Coordenadores e os Autores agradecem a todas as instituições, entidades empresariais e particulares a autorização recebida para fotografar obras de arte e outros elementos necessários para este livro.

Mais agradecem a:

DGPC/Mosteiro de Alcobaça;

Hugo Rilho e Maria Azeitona (apoio informático);

Nídia Nair dos Anjos Marques (revisão de textos);

e aos Párocos e respectivas Paróquias:

Padre José Dionísio (Valado e Maiorga); Padre Ivo Santos (Évora de Alcobaça); Padre Mário Campos (Santa Catarina); e Padre Paollo Lagatta (Nazaré).

UM MOSTEIRO ENTRE OS RIOS

O território alcobacense

COORDENAÇÃO
António Valério Maduro e Rui Rasquilho

ALCOBAÇA
2021

 Hora de ler

INDICE

Prefácio	7
<i>Paulo Inácio, Presidente da Câmara Municipal de Alcobaça</i>	
Introdução	9
<i>António Valério Maduro e Rui Rasquilho, coordenadores</i>	
Caraterização geográfica do território de Alcobaça	27
<i>Maria Virgínia Faria Henriques</i>	
O território de Alcobaça antes dos Cistercienses	95
<i>Pedro Barbosa</i>	
A presença humana na quinta e igreja de São Gião: breve análise das fontes documentais e dos trabalhos de arqueologia	113
<i>Carlos Fidalgo</i>	
Castelos dos coutos de Alcobaça	137
<i>Rui Rasquilho e José Lopes Coutinho</i>	
A consideração filosófica da experiência de Deus em Bernardo de Claraval	149
<i>Amílcar Coelho</i>	
Olhares sobre o Mosteiro e o seu domínio	201
<i>Rui Rasquilho</i>	
História fotográfica do Mosteiro de Alcobaça	253
<i>Jorge Prata</i>	
A botica do Mosteiro de Alcobaça	305
<i>Marízia Pereira, Maria do Céu Tereno e Filomena Monteiro</i>	
Os monges em acção: a economia do Mosteiro de Alcobaça na Idade Média	321
<i>Maria Alegria Marques</i>	
Morfoevolução de algumas das antigas estruturas rurais do mosteiro de Alcobaça – Análises arquitetónica e paisagística	355
<i>Maria do Céu Tereno, Marízia Pereira e Filomena Monteiro</i>	
Poderes em conflito: a demanda pelas jurisdições senhoriais entre o rei D. Afonso IV e o Mosteiro de Alcobaça	421
<i>Saul António Gomes</i>	
Os campos dos coutos de Alcobaça: ordenamento hidráulico e valorização do território ..	483
<i>José Manuel de Mascarenhas</i>	
Água cisterciense	543
<i>Rui Rasquilho</i>	
A terra, o trabalho e os frutos no domínio alcobacense (séculos XVII-XIX)	555
<i>António Maduro</i>	
Traduções em Alcobaça, em tempos de renovação monástica: ao lado dos rios, o curso da voz quotidiana	623
<i>Aires do Nascimento</i>	
Artes à Sombra do Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça durante a Idade Moderna (séculos XVI-XVII)	655
<i>Vítor Serrão</i>	
Nazaré - Devoção Mariana Universal nos Coutos de Alcobaça	687
<i>João Oliva Monteiro</i>	
A tumulária medieval: abadia de Alcobaça	693
<i>Maria Augusta Pablo Trindade Ferreira</i>	

O Colégio de Nossa Senhora da Conceição de Alcobaça (1648-1833)	707
<i>Antonieta Vera de Sousa</i>	
Convento de Santa Maria Madalena de Alcobaça 1566-1834 / Convento dos Capuchos Arrábidos de Alcobaça	745
<i>Antonieta Vera de Sousa</i>	
A Hospedaria no Mosteiro de Alcobaça	757
<i>João Oliva Monteiro</i>	
O Mosteiro de Alcobaça na Literatura de Viagens	769
<i>Miguel Dias Santos</i>	
Os sinos do Mosteiro de Alcobaça	793
<i>António Maduro, Rui Rasquilho e Hermínio Nunes</i>	
As termas da Piedade (Alcobaça)	807
<i>António Maduro e Jorge Mangorrinha</i>	
Do Juncal a Alcobaça – dois séculos e meio de história cerâmica	835
<i>Jorge Pereira de Sampaio</i>	
Santa Casa da Misericórdia de Alcobaça	857
<i>Jorge Pereira de Sampaio</i>	
A importância do encontro de Alcobaça na revolução de 1820	863
<i>Leonel Fadigas</i>	
A indústria em Alcobaça da Idade Média à Comunidade Europeia: uma síntese (ou quase)	871
<i>Jorge Custódio</i>	
O Rossio de Alcobaça	977
<i>Carlos Gil Moreira</i>	
Os bombeiros e a segurança da população: quando os silêncios também fazem a história	991
<i>Leonor Carvalho e Susana Leão</i>	
O Sindicato Agrícola de Alcobaça e outras organizações de apoio à lavoura e à sociedade	1003
<i>António Valério Maduro</i>	
Cooperativa Agrícola de Alcobaça - história e factos	1007
<i>Luís Peres Pereira</i>	
A Fundação Maria e Oliveira	1009
<i>Luís Peres Pereira</i>	
Chalets e palacetes do Romantismo tardio	1013
<i>Maria Zulmira Furtado Marques</i>	
O comércio em Alcobaça desde o final do século XIX	1033
<i>Luís Peres Pereira</i>	
Como foi comemorado o final da guerra	1049
<i>José Eduardo Reis Oliveira/JERO</i>	
No centenário da atribuição da Torre e Espada de Valor, Lealdade e Mérito à vila de Alcobaça	1053
<i>Fleming de Oliveira</i>	
Coz, o renascer de Cister no feminino	1073
<i>Jorge Figueiredo</i>	
Alcobaça d'outro tempo (e de um tempo novo): museus, coleções e património musealizado alcobacense	1083
<i>Alberto Guerreiro</i>	
Turismo, Património e Desenvolvimento	1129
<i>Eduardo Gonçalves</i>	
Fontes e referências bibliográficas	1141
Autores e seus vínculos	1191
Parceiros institucionais	1198

A BOTICA DO MOSTEIRO DE ALCOBAÇA

MARÍZIA M. D. PEREIRA | MARIA DO CÉU SIMÕES TERENO | MARIA FILOMENA MONTEIRO

1 - Introdução

A maioria das boticas monásticas conhecidas na Europa ocidental, encontrava-se no interior dos conventos e mosteiros para inicialmente tratar as comunidades religiosas e, posteriormente prestar apoio às populações que residiam nos arredores e aos peregrinos que ali acorriam em busca de auxílio.

Frequentemente, dispunham de um jardim botânico ou horto do boticário onde, de acordo com Santos (1710) eram plantadas árvores provavelmente de frutos (pomares) e hortaliças (hortícolas e medicinais) para o tratamento dos enfermos, como era hábito na época. Na mesma obra estão descritos os elementos necessários para o bom funcionamento da enfermaria e da botica.

Pela descrição das despesas nos livros do Mosteiro de Alcobaça, constam entre elas, as obras efetuadas na botica, os provimentos de mezinhas, roupas de cama e mantimentos para os doentes e pobres (Coelho *et al*, 2012) (Boaventura, 1827) (Cardoso, 1747-1751). Assim, poder-se-á ter uma noção aproximada da importância do papel que desempenhava a botica e o respetivo boticário do mosteiro.

As localizações da botica e da enfermaria foram alteradas ao longo do tempo, em função do crescimento do mosteiro. Entre os séculos XIV e XV encontrava-se a nascente da sala medieval dos monges, atualmente o claustro do Cardeal (Coelho *et al*, 2012). No edifício inexistente estava a portaria do mosteiro e outras dependências, e em particular a enfermaria.

1.1 - Origem das plantas medicinais

No Egito Antigo já existia uma longa tradição na prática e na observação da anatomia humana e animal, confirmado pelos “papiros Edwin Smith” (1600 a.C.) e “Ebers” (1550 a.C.), essenciais para o desenvolvimento das técnicas e ingredientes

utilizados no embalsamamento dos corpos (Scholl, 2002). A desinfecção era frequentemente efetuada com o vinho de palma, uma bebida alcoólica obtida a partir da fermentação da seiva de várias espécies de palmeiras (*Phoenix* spp.), a introdução de óleo de cedro [*Cedrus atlantica* (Endl.) Carrière] e a utilização de faixas de linho (*Linum usitatissimum* L.) embebidas em vários tipos de resina ou cera de abelha. Na época, os egípcios dominavam o conhecimento e a aplicação de uma grande variedade de plantas medicinais e aromáticas, entre elas as de origem africana e que atualmente ainda são utilizadas, tais como a coloquintida (*Citrullus colocynthis* (L.) Schrad.), a erva-doce (*Pimpinella anisum* L.), a goma-arábica (*Vachellia seyal* (Del.) P.J.H.Hurter), a mirra [*Commiphora myrrha* (Nees) Engl.] e o alho (*Allium* sp.), entre outras.

Na Civilização Árabe (Figs. 1 e 2), destacou-se o médico *Abu Ali al-Husayan Abdallah ibn Sina* ou *Avicena* (980-1037 d.C) que era também matemático, astrónomo e naturalista, um dos mais importantes sábios do Islão, da cultura grega e pensamento muçulmano. No campo médico, contribuiu com a obra *al-Oanunfi al-tibb* (Cânone de Medicina) que, traduzido para o latim, se tornou a base essencial da medicina medieval.



Fig. 1 – Físico preparando uma receita, fólio *De Materia Medica*, de Dioscorides, datado de AH 621 / AD 1224, atribuída ao Iraque ou ao norte de Jazira, possivelmente Bagdad. Fonte: www.metmuseum.org



Fig. 2 – Fólio *De Materia Medica*, de Dioscorides, do século XIII, atribuída ao Iraque. Fonte: www.metmuseum.org

O domínio árabe no comércio marítimo do oceano Índico e as caravanas das rotas da seda e das especiarias, possibilitaram a introdução de plantas asiáticas e africanas na Europa, tornando acessíveis os espécimes vegetais oriundos de zonas muito longínquas.

No século IX, os comerciantes muçulmanos tiveram acesso a algumas espécies da Ásia oriental, entre elas, a laranjeira [*Citrus sinensis* (L.) Osbeck.] e a canforeira [*Cinnamomum camphora* (L.) J. Presl] (Basso, 2004). Com a expansão árabe na Península Ibérica no século VIII, foram introduzidas especiarias e drogas orientais para vários fins medicinais, como a galanga [*Alpinia galanga* (L.) Sw.], o gengibre (*Zingiber officinale* Roscoe), a moscadeira (*Myristica fragrans* Houtt.), o ruibarbo (*Rheum officinale* Baill.), o sândalo (*Santalum album* L.) e o tamarindeiro (*Tamarindus indica* L.), entre outras (Liberato, 2008).

Os descobrimentos portugueses também contribuíram para o conhecimento de muitas espécies vegetais de origem asiática, utilizadas no tratamento dos “males do corpo”. Após a chegada de Vasco da Gama a Goa em 1498, teve início a Idade Moderna, com o desenvolvimento de circuitos comerciais a longa distância, com o transporte de espécies aromáticas e medicinais, que na época eram muito valorizadas no continente europeu. Deslumbrados com as riquezas e singularidades da Índia, muitos homens viajaram para o Oriente, entre eles, o médico de origem judia Garcia d’Orta, autor do “Colóquio dos simples e drogas”, obra essencial na divulgação no ocidente de algumas espécies botânicas de origem asiática e as suas propriedades terapêuticas. Por exemplo, a canela (*Cinnamomum cassia* (L.) J. Presl), o cravo-da-índia (*Syzygium aromaticum* (L.) Merrill & Perry) e a pimenta-do-reino (*Piper nigrum* L.), eram especiarias muito apreciadas e difíceis de obter em Portugal, não só pelo seu uso na culinária, mas também por serem medicinais.

O descobrimento do Brasil deu início à colonização do país e conseqüentemente a sua adaptação ao novo ambiente, no que respeitava ao clima, alimentação e novas enfermidades desconhecidas pelos europeus. Para a cura das doenças, era primordial que os colonizadores tivessem conhecimento dos benefícios e malefícios das espécies medicinais da flora americana, utilizadas pelos ameríndios. Mais tarde, coincidindo com o regresso das expedições navais e dos missionários, aparecem na Europa plantas desconhecidas, com virtudes surpreendentes. Destaca-se, por exemplo, a casca da quina (*Cinchona calisaya* Wedd.) utilizada para baixar a temperatura das febres da malária, as virtudes anestésicas das bagas da pimenta-da-jamaica (*Pimenta dioica* (L.) Merr.) e as sementes da figueira-do-inferno (*Datura stramonium* L.) para purgas e cólicas.

1.2 - O acervo vegetal da botica do Mosteiro de Alcobaça

Com base em documentação consultada, nomeadamente do inventário de extinção do Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça datado de 1833, realizou-se um levantamento de algumas espécies vegetais utilizadas na época (Tabela 1).













A informação referente a cada espécie vegetal foi sistematizada de seguinte forma:




























- a) Nome latino – nome científico da espécie atualizada.
- b) Família – unidade sistemática e categoria taxonómica mais importante do reino vegetal.
- c) Origem – área de proveniência geográfica da espécie.
- d) Nome comum – designação mais corrente atualmente.




























Na determinação da procedência das espécies, aplicou-se a metodologia de Fournier (1977), onde as espécies vegetais foram identificadas por áreas geográficas e reunidas em cinco grupos de proveniências: europeias (Europa do norte e centro, região mediterrânica), africanas (Egito, Etiópia, Síria, deserto do Saara), americanas (Brasil, Venezuela, Argentina), asiáticas (Península Arábica, Turquia, Índia, Vietname, China) e pluriregionais (continentes americano, europeu e asiático).



















Na elaboração da listagem deparou-se com várias dificuldades, sobretudo a nível da grafia manuscrita antiga dos documentos consultados e na atualização dos antigos nomes latinos científicos.

Tabela 1 – Espécies medicinais do Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça.

Nome latino, família e origem	Exemplar	Nome latino, família e origem	Exemplar	Nome latino, família e origem	Exemplar
<i>Crocus sativus</i> L. Iridaceae, pluriregional	 açafreão-castelhano	<i>Glycyrrhiza glabra</i> L., Fabaceae, pluriregional	 alçaçuz	<i>Cinnamomum camphora</i> (L.) J. Presl, Lauraceae, asiática	 alcanforeira
<i>Astragalus tragacantha</i> L., Fabaceae, europeia	 alcatira	<i>Lavandula stoechas</i> L., Lamiaceae, europeia	 alfazema	<i>Allium sp.</i> , Liliaceae, pluriregional	 alho
<i>Pistacia lentiscus</i> L., Anacardiaceae, europeia	 almecega	<i>Malva moschata</i> L., Malvaceae, pluriregional	 almíscar	<i>Althaea officinalis</i> L., Malvaceae, europeia	 alteia
<i>Prunus dulcis</i> (Mill.) D. A., Rosaceae, asiática	 amendoeira	<i>Morus sp.</i> , Moraceae, pluriregional	 amoreira	<i>Angelica archangelica</i> L., Apiaceae, pluriregional	 angelica

<i>Illicium verum</i> Hook. f., Illiciaceae asiática	 anis-estrelado	<i>Aristolochia paucinervis</i> Pomel, Aristolochiaceae, europeia	 aristoloquia	<i>Arnica montana</i> L., Asteraceae, europeia	 arnica
<i>Aloes sp.</i> , Asphodelaceae, pluriregional	 azebre	<i>Styrax benzoin</i> Dryand., Styracaceae, asiática	 benjoeiro	<i>Polygonum bistorta</i> L., Polygonaceae, europeia	 bistorta
<i>Bryonia cretica</i> Jacq., Cucurbitaceae, europeia	 brionia	<i>Acorus calamus</i> L., Acoraceae, asiática	 cálamo- aromático	<i>Saccharum officinarum</i> L., Poaceae, asiática	 cana-de-açúcar
<i>Cinnamomum cassia</i> (Nees & T.Nees) J.Presl, Lauraceae, asiática	 caneleira	<i>Elettaria cardamomum</i> (L.) Maton, Zingiberaceae, asiática	 cardamomo	<i>Croton eluteria</i> (L.) W.Wright, Euphorbiaceae, americana	 cascarrilha
<i>Hordeum sp.</i> , Poaceae, pluriregional	 cevada-de- frança	<i>Conium maculatum</i> L., Apiaceae, pluriregional	 cicuta	<i>Populus sp.</i> , Salicaceae, pluriregional	 choupo
<i>Cynoglossum officinale</i> L., Boraginaceae, pluriregional	 cinoglossa	<i>Citrullus colocynthis</i> (L.) Schrad., Cucurbitaceae, africana	 coloquintida	<i>Adenantha pavonina</i> L., Fabaceae, asiática	 coralina
<i>Digitalis sp.</i> , Scrophulariaceae, pluriregional	 dedaleira	<i>Melissa officinalis</i> L., Lamiaceae, europeia	 erva-cidreira	<i>Euphorbia peplus</i> L., Euphorbiaceae, europeia	 esúla
<i>Liquidambar orientalis</i> L., Altingiaceae, asiática	 estoraque	<i>Euphorbia resinifera</i> A. Berger, Euphorbiaceae, africana	 eufórbio	<i>Fumaria officinalis</i> L., Papaveraceae, europeia	 fumária
<i>Foeniculum vulgare</i> L., Apiaceae, europeia	 funcho	<i>Alpinia galanga</i> (L.) Sw., Zingiberaceae, asiática	 galanga	<i>Quercus sp.</i> , Fagaceae, pluriregional	 galha

<p><i>Gentiana sp.</i>, <i>Gentianaceae</i>, pluriregional</p>	 <p>genciana</p>	<p><i>Zingiber officinale</i> Roscoe, <i>Zingiberaceae</i>, asiática</p>	 <p>gengibre</p>	<p><i>Vachellia seyal</i> (Del.) P.J.H.Hurter, <i>Fabaceae</i>, africana</p>	 <p>goma-arábica</p>
<p><i>Guajacum officinale</i> L., <i>Zygophyllaceae</i>, americana</p>	 <p>guaiacum</p>	<p><i>Hedera helix</i> L., <i>Araliaceae</i>, europeia</p>	 <p>hera</p>	<p><i>Hibiscus rosasinensis</i> L., <i>Malvaceae</i>, asiática</p>	 <p>hibisco</p>
<p><i>Mentha spicata</i> L., <i>Lamiaceae</i>, asiática</p>	 <p>hortelã-vulgar</p>	<p><i>Boswellia sacra</i> Flueck., <i>Burseraceae</i>, africana</p>	 <p>incenso</p>	<p><i>Mirabilis jalapa</i> L., <i>Convolvulaceae</i>, americana</p>	 <p>jalapa</p>
<p><i>Arum italicum</i> Mill., <i>Araceae</i>, europeia</p>	 <p>jarro</p>	<p><i>Rumex crispus</i> L., <i>Polygonaceae</i>, europeia</p>	 <p>labaça</p>	<p><i>Citrus sinensis</i> (L.) Osbeck., <i>Rutaceae</i>, asiática</p>	 <p>laranjeira</p>
<p><i>Citrus × limon</i> (L.) Burm. f., <i>Rutaceae</i>, asiática</p>	 <p>limoeiro</p>	<p><i>Linum usitatissimum</i> L., <i>Linaceae</i>, africana</p>	 <p>linhaça</p>	<p><i>Iris florentina</i> L., <i>Iridaceae</i>, europeia</p>	 <p>lírio-florentino</p>
<p><i>Laurus nobilis</i> L., <i>Lauraceae</i>, europeia</p>	 <p>loureiro</p>	<p><i>Achyrocline satureioides</i> (Lam.) DC., <i>Asteraceae</i>, americana</p>	 <p>macela</p>	<p><i>Ricinus communis</i> L., <i>Euphorbiaceae</i>, pluriregional</p>	 <p>mamona</p>
<p><i>Mercurialis annua</i> L., <i>Euphorbiaceae</i>, europeia</p>	 <p>mercurial</p>	<p><i>Commiphora myrrha</i> (Nees) Engl., <i>Burseraceae</i>, africana</p>	 <p>mirra</p>	<p><i>Sinapis alba</i> L., <i>Brassicaceae</i>, pluriregional</p>	 <p>mostarda</p>
<p><i>Myristica fragrans</i> Houtt., <i>Myristicaceae</i>, asiática</p>	 <p>nóz-moscada</p>	<p><i>Myrtus communis</i> L., <i>Myrtaceae</i>, pluriregional</p>	 <p>murta</p>	<p><i>Myrcia sphaerocarpa</i> DC., <i>Myrtaceae</i>, americana</p>	 <p>Pedra-ume</p>
<p><i>Prunus persica</i> (L.) Batsch, <i>Rosaceae</i>, asiática</p>	 <p>pessegueiro</p>	<p><i>Pimenta dioica</i> (L.) Merr., <i>Myrtaceae</i>, americana</p>	 <p>pimenta-da-jamaica</p>	<p><i>Piper longum</i> L., <i>Piperaceae</i>, asiática</p>	 <p>pimenta-longa</p>

<i>Pinus pinaster</i> Ainton, <i>Pinaceae</i> , europeia	 pinheiro-bravo	<i>Polygala sp.</i> , <i>Polygalaceae</i> , europeia	 poligala	<i>Cinchona calisaya</i> Wedd., <i>Rubiaceae</i> , americana	 quina
<i>Cinchona pubescens</i> Vahl, <i>Rubiaceae</i> , americana	 quinino	<i>Punica granatum</i> L., <i>Lythraceae</i> , asiática	 romanzeira	<i>Rheum rhaboticum</i> Baill., <i>Polygonaceae</i> , asiática	 ruibarbo
<i>Smilax aspera</i> L., <i>Smilacaceae</i> , pluriregional	 salsaparrilha	<i>Santalum album</i> L., <i>Santalaceae</i> , asiática	 sândalo	<i>Dracaena draco</i> (L.) L., <i>Ruscaceae</i> , europeia	 sangue-de-drago
<i>Cassia angustifolia</i> Vahl, <i>Fabaceae</i> , africana	 sene	<i>Dracunculus vulgaris</i> Schott, <i>Araceae</i> , europeia	 serpentaria	<i>Phoenix dactylifera</i> L., <i>Areca-ceae</i> , pluriregional	 tâmara
<i>Tamarindus indica</i> L., <i>Fabaceae</i> , africana	 tamarindeiro	<i>Tilia cordata</i> Mill., <i>Tiliaceae</i> , pluriregional	 tília	<i>Tussilago farfara</i> L., <i>Asteraceae</i> , pluriregional	 tucilago
<i>Valeriana officinalis</i> L., <i>Valerianaceae</i> , pluriregional	 valeriana	<i>Plantago psyllium</i> L., <i>Plantaginaceae</i> , pluriregional	 zaragatoa	<i>Juniperus communis</i> L., <i>Cupressaceae</i> , pluriregional	 zimbro

Também a partir do inventário de extinção do Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça, foi possível identificar alguns ingredientes de natureza não vegetal e que eram comuns nas boticas conventuais (Tabela 2).

Tabela 2 – Outros ingredientes de natureza não vegetal.

Ingrediente	Origem
Cremer tártaro	Pó fino e branco de bitartarato de potássio, extraído do fundo de barris de vinho no final do processo de produção e posteriormente refinado até obter um pó branco.
Ponta de veado	Água de cocção de raspas da ponta da haste de veado.
Unto de baleia	Gordura de baleia derretida.
Esonja preparada	Esonja marinha misturada com cera amarela derretida.
Agárico (<i>Polyporus officinalis</i> Fries)	Água de cocção de cogumelo.
Cantárida (<i>Lytta vesicatoria</i> L.)	Extrato do besouro triturado.
Flor de enxofre	Pó amarelo insolúvel obtido do enxofre na fabricação de ácido sulfúrico.
Musgo islandico (<i>Cetraria islandica</i> L.)	Água de cocção de talos secos do líquen.
Fezes de ouro ou litargírio	Vapor ou fumo que exala da prata ou ouro quando são queimados.
Amoníaco medicinal	Sal branco solúvel na água.
Antimónio	Metal de coloração branca azulada.
Sulfato de alumínio	Sal branco.
Ferro	Sal.
Razura de marfim	Raspas de marfim.
Sal amargo	Sulfato de magnésio, sal de magnésio, ..., mineral proveniente de locais com formações rochosas onde ocorrem fontes termais.
Pedra infernal	Sal de nitrato de prata, utilizado como cauterizador para eliminação de verrugas.
Cochonilha (<i>Dactylopius coccus</i>)	Ácido carmínico extraído do corpo e ovos do inseto, utilizado como corante alimentício.
Fel de boi	Pedra vesicular bovina.
Unto de porco	Banha de porco.

1.3 - Receituário

Segundo Coelho (1921-1922), nos registos para a história dos mareantes, pescadores, calafates e das construções navais nos séculos XV a XVII, a declaração relativa à nau Nazareth, datada de 15 de abril de 1522, refere que Domingues Fernandes, piloto da nau, havia recebido de Artur Álvares, boticário de Lisboa, um caixa com vários remédios e mezinhas, entre eles:

Açúcar rosado (receita do séc. XVIII) – *“Tiradas as folhas das rosas brancas, as escaldem muito bem em tres aguas a ferver, e se lavarão depois em três aguas frias; e, expremidas muito bem em um panno, as ponham a enxugar, mas não de todo. E, postas três libras de assucar em ponto de espadana, lhes deitem duas libras de folhas de rosas a cozer, e as afastem depois do lume. E, durante três dias, lhe darão todos os dias uma fervura, e na ultima ficará o assucar em ponto de pelouro. Guardem o assucar em covilhetes vidrados, mas tendo-os tipo primeiro ao sol por algum tempo.”* (Caderno, 1743–1989).

“Agoa de rosas ou rosada” – *“Prepara-se com os petalos de rosas rubras, da mesma maneira que a agoa de flor de laranja. Esta agoa serve para dissolver as substancias próprias a formar od colyrios, e para os outros usos de agoa aromática de flor de laranja.”* (Costa, 1819).

“Diaquilão” – Emplastro preparado com várias substâncias (cera, terebintina e pez).

“Mel rosado” – *“Petalos seccos de rosas rubras ... libra meia. Agoa fervente ... libras tres. Deixe em maceração por doze horas; côe; e ajunte Mel puro ... libra seis.”* (Costa, 1819).

“Oleo rosado (unguento rosado simples)” – *“Banha de porco preparada ... libras duas. Agoa rosada ... onça três. Misture triturando em gral de pedra: liquide depois a calor mui brando, para que a agoa se separe, asentando no fundo do vaso... Serve principalmente de base a alguns outros unguentos, principalmente para lhes dar cheiro suave, e comunicar-lhes côr agradável.”* (Costa, 1819).

“Terra sigillata”, “terra Lemnia” ou terra selada – argila utilizada para fins medicinais, uma mistura de minerais e impurezas resultantes do intemperismo químico das rochas e da sedimentação de detritos (Spalek & Spielvogel, 2019).

“Unguento de Althea Compuesto” – *“Escogeranse las raizes de Malvavisco las mas gordas, y major nutridas, se limpiaràn, se cortaràn en*

pedazos pequeños, se echaràn en una olla de barro vidriada, con las simiente, y con la Cebolla Albarrana hecha pedazitos, se vaciarà encima el agua caliente, dexando en disgestionla materia por veinte y quatro horas, despues con un fuego blando se haran hervir la materia, meneandola de quando en quando, hasta que se ayah echo um mucilage espresso, se colara exprimiendo fuertemente la materia, mezclaràse el mucilage con el Azeyte en el qual se derretirà la Cera, y la Resina se apartarà del fuego, y en estando mediofrio se le mezcla la Trementina, y el Galvano dissuelto en Vinagre, y inpissado hasta la consistencia de unguento, al final goma de Hiedra hecha polvos sutilissimos, todo bien mixto, se repondrà para el uso.” (Jurado, 2005)

“Unguento apostolorum” – “Cera Amarella ... onças quatro. Gòmma Ammoniaca, em pó, Resina, Terebinthina, de cada coisa ...onça huma oitava seis. Fezes d’Oiro em pó ... onça huma oitava huma. Aristolochia Redonda, Bedelio, Incenso, pulverizados, de cada coisa ... oitava seis. Gálbano depurado, Myrrha em pó, de cada coisa ... onça meia. Opoponaco depurado, verdete em pó, de cada coisa ... oitava duas. Oleo Commun ... libra duas. Còsa as Fezes d’Oiro com o Oleo, em fogo brando, ajuntando quanto baste d’Agua, até que estejam dissolvidos totalmente e tenham adquirido a consistência de Linimento; então ajunte a Cêra e a Resina, e quando estiverem derretidas, e toda a humidade aquosa evaporada, tire do fogo, e mèxa continuamente com espátula de páo, até que o Unguento esteja meio frio: isto conseguido, ajunte as Gòmmas depuradas, e já incorporadas com a Terebinthina; e por fimas mais Substancias pulverisadas; e depois de tudo bem misturado, guarde-o para o uso.” (Cabral, 1833).

“Unguento branco canforado” – “Cera branca três onças, alvaiade em pó sutil seis onças, óleo rosado doze onças, clara de ovos número três, alcanfor uma oitava, tudo se misture e coza a fogo brando até tomar consistência de unguento e, em falta de óleo, servirá azeite doce.” (Ferreira, 2002). Alvaiade é óxido de zinco e pó sútil é um pó fino. O alcanfor é um suco resinoso branco, muito volátil e de cheiro penetrante, extraído da alcanforeira. Tem aplicação medicinal, geralmente sob forma de água, álcool, óleo e pomada canforada.

“Unguento populeão” – “Olho de choupo ... onças oito. Banha ... libras duas. Contunda os olhos de choupo em gral de mármore; ajunte a banha derretida em vaso apropriado; conserve a mistura liquificada a banho-maria por espaço de três horas. Decante, e guarde em lugar fresco.” (Costa, 1819).

“Unguento de tutia” – “R. de unto de porco preparado quatro onças, Cera branca huma oitava, Tutia preparada huma onça. Derretida a cera, e unto a fogo brando, fe lhes ajunte, affaftando-se do fogo, a tutia, e fe mechão continuamente até arrefecer.” (Pharmacopea, 1794). Tútia é óxido de zinco impuro que se adere às chaminés dos fornos onde se queimam certos minerais de chumbo.

1.4 - Objetos da botica do Mosteiro de Alcobaça

A partir do inventário da Ordem Religiosa do Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça, foi possível efetuar uma listagem de vários objetos (Tabela 3) que tiveram utilização na produção de medicamentos e mezinhas da botica que seriam ministrados aos monges, vendidos ou cedidos à comunidade leiga e peregrinos.

Tabela 3 – Objetos e utensílios da Botica do Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça, de acordo com o Termo de Entrega (pág.s 472V, 473V e 474V).

Tipo de objeto	Género	Material	Quantidade	Valor (Réis)	Página
Óleo	-	Oleo de mamona	3 Onças	\$60	469
Vasos e utensílios (Garrafas, recipientes e outros)	Garrafas de 3 Canadas	Vidro branco	2	\$800	—
—	Ditas de Canada	—	3	\$360	—
—	Ditas de ½ Canada	—	25	2\$500	—
—	Ditas de Quartilho	—	21	1\$260	—
—	Ditas de ½ Quartilho	—	4	\$240	—
—	Vidros de ½ Canada, oitavados	—	4	\$240	—
—	Ditos de Quartilho, redondos	—	21	1\$200	—
—	Ditos de Quartilho e ½	—	4	\$200	—
—	Ditos de Quartilho	—	24	\$960	469V
—	Ditos oitavados de ½ Quartilho	—	8	\$240	—
—	Ditos de 4 Onças	—	17	1\$440	—
—	Ditos de 2 Onças	—	15	\$200	—
—	Ditos de Onça	—	20	\$200	—
—	Ditos de ½ Quartilho	Vidro preto	56	\$840	—

—	Recipientes de diversos feitios e tamanhos	Vidro branco	5	5\$000	—
—	Retortas	—	2	\$600	—
—	Alongamentos	—	2	\$600	—
—	Aparelho de [Voltio?]?	—	1	6\$000	470
—	Almofariz pequeno	—	1	\$200	—
—	Quatro mãos de diferentes tamanhos e grossuras	—	4	\$160	—
Vasos e utensílios (Garrafas, recipientes e outros)	Panelas de Louça do Juncal	Louça	67	2\$000	470
—	Vasos brancos	Louça	19	\$360	—
—	Ditos mais pequenos	Louça	31	\$310	—
—	Ditos com tampa	Louça	36	\$900	—
—	Ditos tachos com tampa	Louça	60	1\$200	—
—	Ditos tachos mais pequenos	Louça	56	\$600	—
—	Bacias grandes	Louça branca	2	\$360	—
—	Jarro grande	Louça de Pó de Pedra	1	\$600	470V
—	Fogareiro usado	Cobre	1	4\$000	—
—	[Grãos?]	Mármore	3	\$600	—
—	Alambiques de diferentes tamanhos e com bastante uso	Folha	6	3\$000	—
—	Dito de cobre pequeno e com um acrescento de lata	Cobre / Lata	1	2\$000	—
—	Capacete de outro Alambique, que furtaram	Cobre	1	1\$200	—
—	Almofariz grande	Bronze	1	2\$000	—
—	Latas de diferentes tamanhos e feitios	Folha	6	3\$000	—
—	Candeeiro usado	Latão	1	\$400	471
—	Braço de Balança, com [conchas?] de pau e pesos de ferro de um arrátel, de duas arrobas que são 7	Ferro	7	2\$400	—

Vasos e utensílios (Garrafas, recipientes e outros)	Farmacopeia Setubalense in-fólio	Livro	3 Tomos	2\$400	471
—	Farmacopeia Madrilense, Latina em quarto	Livro	1 Volume	\$900	—
—	Dita Lisbonense, em quarto pequeno	Livro	1	\$160	—
—	Dita Geral do Reino, em bastante uso	Livro	1	\$200	—
—	História de Plantas de [Vegiés?], muito velha	Livro	2 Volumes	\$60	—
—	Garrações de Louça das Caldas	Louça vidrada	3	\$600	—
—	Talha da mesma louça das Caldas	Louça vidrada	1	\$400	—
—	Potes da mesma louça vidrada das Caldas	Louça vidrada	7	\$500	—
—	Sertã de ferro	Ferro	1	\$120	471V
—	3 Medidas de folha de ½ canada, Quartilho e ½ Quartilho e 1 funil da mesma folha	Folha	3; 1	\$200	—
—	Tinteiro e Areeiro, velhos	Estanho	1	\$40	—
Vasos e utensílios (Garrafas, recipientes e outros)	Espátula	Ferro	1	\$20	471V
—	Tesoura de Pé-de- Galinha	-	1	\$600	—
—	Dita de mão	-	1	\$60	—
—	Urna de madeira e tábuas coberta de madeira, de fora	Madeira	1	24\$00 0	—
—	Imprensa de fuso	Madeira de Ulmo	1	14\$40 0	—
—	Outra dita de madeira de pinho velha, com dois fusos	Madeira de Pinho	1	2\$000	—
—	Escada de rodas	-	1	1\$600	472
—	Ditas de mão	-	2	\$400	—
—	Cadeiras de palhinha, velhas	- / Palhinha	3	\$720	—
—	Mocho pintado de azul	Madeira de Pinho	1	\$240	—

—	Banca de pau, de fora, com uma aba e gavetas de pinho	Madeira de Pinho	1	1\$600	—
—	Banquinha com uma gaveta	Madeira de casca	1	1\$000	—
—	Barra de cama com tábua de cabeceira de pinho, pintada de azul e bancos de ferro	Madeira de Pinho / Ferro	1	1\$000	—
—	Bancão de pinho da [terra?], velho	Madeira de Pinho	1	\$200	—
Vasos e utensílios (Garrafas, recipientes e outros)	Pedra de preparar, com mesa de pinho tosco	Pedra / Madeira de Pinho	1	\$480	472V
—	Outra dita mais pequena	Pedra / Madeira de Pinho	1	\$300	—
—	Mesa, à maneira de caixão de cortar raízes	-	1	\$400	—
—	Almofarizes grandes	Pedra	2	\$600	—
—	Tina, pintada de encarnado, com seu rodízio dentro	Madeira de Pinho	1	1\$000	—
—	Pequeno caixão de madeira, pintado da mesma cor	Madeira de Pinho	1	\$120	—



EDIÇÃO



APOIO



ALCOBAÇA
Dê lugar ao Amor

ISBN 978-989-8991-64-5



9 789898 991645 >

 Hora de ler